

OPINIÃO

**AUSTREGÊSILO
DE ATHAYDE**

Saudades da boa escola

Florêncio Costa publicou no **Jornal do Brasil** uma reportagem com tons de originalidade para nosso tempo, tão distanciado das antiquilhas que fizeram o orgulho das gerações passadas. Entre elas, a escola pública, onde se formaram algumas das melhores gerações culturais do Brasil. Nela muito aprendi, com o uso de métodos chamados hoje de anacrônicos, mas que na verdade cumpriam bem a sua missão de ensinar. A maioria das escolas que assiduamente frequentei e nas quais, digamos sem vitupério, fui sempre o príncipe da classe, eram dirigidas por professoras tão devotadas à sua tarefa que, ao relembrá-las hoje, reconheço e proclamo quanto lhes devo, sobretudo à d. Anna Frota, que regia a escola pública da cidade de Cascavel, onde meu pai era juiz de Direito e acumulava o cargo, não remunerado, de inspetor do Ensino. Durante cinco anos, de 1906 a 1910, ano em que me matriculei no Seminário da Prainha, em Fortaleza, seguindo o que parecia ser uma irresistível vocação para o sacerdócio, tive em Dona Ana, como a chamavam os discípulos, uma mestra ao mesmo tempo maternal e severa, exata nos conhecimentos que iam muito além do currículo da Escola Normal, onde se formara. Também tive uma outra professora, d. Raimundinha, por pouco tempo, mas de quem guardo enternecida lembrança.

Quando fui eleito para a Academia Brasileira de Letras, tive a enorme surpresa de receber uma carta daquela mestra, passados bem mais de 40 anos dos dias em que recebia suas lições. Mostrava-se orgulhosa de ter tido entre os seus alunos um que tivesse chegado à imortalidade acadêmica. E em sua carta a palavra "imortalidade" vinha sublinhada e para d. Raimundinha era um desvanecimento lembrar o menino de seis anos a quem um dia encaminhara no estudo das primeiras letras.

A escola pública perdeu parte do seu prestígio ao aparecerem as reformas do ensino inspiradas em terras do exterior, sobretudo vindas dos Estados Unidos. Abandonamos a velha trilha dos ditados, da aritmética cantada, da palmatória usada nos argumentos. Naquele tempo os pais acompanhavam cuidadosamente o progresso do estudo dos filhos, ajudavam-nos a fazer os deveres escolares e, consideravam honroso ter amizade com as professoras. Mudaram os tempos, com eles mudaram os homens, como está escrito: "Tempora mutantur et homines in illis". Até esse Latim, tão repetido em tempos idos, hoje poucos sabem traduzi-lo. E não voltará jamais.